

Passarinho viveu momentos tensos

O presidente da CPI do Orçamento, senador Jarbas Passarinho, por diversas vezes preferiu estar comandando um batalhão do Exército a coordenar um grupo de parlamentares. "Se fosse um batalhão, eu colocava alguns na cadeia e tudo estava resolvido", afirmou o senador, que enfrentou os mais variados problemas, até mesmo bate-boca com seus correligionários. O deputado Pedro Pavão (PPR-SP) era o principal provocador do senador durante os depoimentos e na segunda fase da CPI — após a prorrogação do prazo no início de dezembro — contou com o apoio do deputado José Lourenço (PPR-BA).

Lourenço e Pavão gostavam de fazer gracinhas e intervenções paralelas durante os depoimentos, obrigando o senador a tocar a estri-dente campainha. Um dos momentos mais tensos da CPI foi logo na primeira semana e Passarinho teve de ser atendido pelos médicos do

Senado com a pressão em alta. Ele teve uma séria discussão com o senador Gilberto Miranda — que chegou a gritar com Passarinho — em torno das diligências à casa do economista José Carlos Alves dos Santos. Passarinho sempre reclamou de receber muitas informações das subcomissões através da imprensa. Aos coordenadores costumava mandar recados: "Eles poderiam, pelo menos, ter a delicadeza de me informar primeiro".

Critérios — Aos 74 anos de idade, completados durante a CPI, o senador Jarbas Passarinho não conseguiu conduzir a votação do requerimento do deputado Aloízio Mercadante que queria mudar os critérios para definir os depoimentos em plenário. Como já estava praticamente aprovada a concessão de mais uma semana para o relator, Mercadante insistiu e conseguiu levar todos a

plenário. Mas Passarinho não resistiu e passou a condução da sessão a Odacir Klein, repetindo o gesto na última sessão administrativa da CPI.

Após uma crise de labirintite, o senador deixou a coordenação com Klein e mesmo assim não foi poupano de irritações. Ele ficou chocado com a aprovação da quebra do sigilo bancário de pessoas ligadas à movimentação bancária do governador Joaquim Roriz e a convênios assinados pelo GDF. Isso porque não daria mais tempo para a CPI receber a documentação do Banco Central e Passarinho viu interesses político-partidários no pedido. No último dia de depoimento, o senador sentiu que todo o esforço foi compensado, em especial após o discurso cheio de elogios feito pelo senador Pedro Simon, do PMDB — partido a quem cabia a presidência da CPI.



Passarinho: "Se fosse um batalhão, colocava alguns na cadeia"